

CURAU

Ontem meu filho mais velho deu-me uma boa notícia.

- Pai, já tem milho verde no meu sítio (km 3 da estrada do Rumo para quem, saindo da Caixa d'água, vai para o Bairro do Quadro).

No dia seguinte (21 de fevereiro último), às 11:30, peguei meu fusca, uma sacola grande de lona e, juntamente com minha mulher, fui buscar as espigas de ouro. Que coisa maravilhosa o cheiro da terra molhada e vermelha, depois da chuva de Deus.

Tudo é bonito lá: os pássaros (rolinhas, correntinos, papa-capins, sabiás, anus, quero-queros); as laranjeiras e os limoeiros, de um verde profundo, bem alinhados em curvas de nível, o bambual, os eucaliptos; o pequeno córrego; as casas; o estábulo, onde mansamente ruma a vaca Lembrança, com sua bezeminha chamada Saudade; o velho tratorzinho "Valmet", estacionado na sombra de uma jabuticabeira. E, sobretudo, o que deslumbra é "ouvir" o silêncio, sentir na cara o ar puro e nos pés a meiguice da mãe-terra.

Chega de televisão, de jornal, de política, de economia, de dívida externa. É bom voltar para as coisas simples, para a terra, para as árvores, para os animais. Já estou saturado de

noticiários, de filmes, de carnaval, de congelamento, de "tablita". Obviamente, o valor real vem da terra (como diziam os "fisiocratas"). Porque o resto não passa de transformação.

Lá chegados, depois de cumprimentar o Ademir, a Zefa e o menino, comemos umas goiabas brancas e umas pêras d'água e fomos para a colheita. Que fartura, que milagre, que coisa bonita caminhar entre os pés de milho, cheios de espigas, com seus cabelos vermelhos. Separamos as mais graúdas, as mais "chegadas", bebemos um belo copo d'água e voltamos, com o coração em sossego e com os olhos cheios das imagens do campo.

Em casa, o trabalho começou. Tirar as palhas, os cabelos, cortar os grãos com facas bem afiadas. Depois, bater no liquidificador, misturar com leite (um litro) e coar na peneira, para separar o bagaço das dezoito espigas. Uma panela grande de alumínio, uma "tantada" de açúcar e fogo até engrossar, sempre mexendo com uma colher de pau. E formou-se a pasta, o crême dos índios, dos caboclos. E o curau de milho e leite estava pronto. (Há quem faça de água, do qual não gostamos). Ainda bem quente, o mingau vai para o "pirex". Depois para a geladeira. Tão simples, tão fácil, tão gostoso, tanta fartura!

Aí, sentei à mesa, no meu lugar predileto. Minha esposa, essa mártir que já me suporta por quase 40 anos, colocou na minha frente uma bela "cumbuca" do creme de ouro. Tirei a primeira colherada... e o pensamento voou.... (Como voam inquietas e imprevisíveis as lembranças de um velho).

Não era mais a minha casa da Avenida 7 de Setembro, 394, onde criei meus três filhos. O que teria acontecido? Mas como? A casa, a minha casa, é agora a da Rua Odilon Negrão, nº 547 (antiga Rua Rui Barbosa), na cozinha, ainda lidando com o curau, já não está mais minha mulher, junto do fogão, com sua alegria e dedicação inigualáveis. No meio de uma névoa, vejo vulto de minha mãe, ouço seus passos. Vejo-a indo ao cartório, chamar meu Pai, para que venha experimentar o doce, ainda quente. Logo Papai chegou, senta junto de mim, passando a mão direita na minha cabeça. Tudo tão real, tão verdade, com tanto amor. ✓

Depois, de repente, estou de novo em minha casa. Minha mulher, na cozinha, separando um prato fundo para os netos. Meu pai e minha Mãe foram embora... Que pena! Pego de novo minha colher... mas agora meu curau está salgado, cheio de lágrimas.